

# A UNIVERSIDADE À PROCURA DE SI MESMA

António Nóvoa<sup>1</sup>

## A pandemia como revelador

Ao longo da crise pandémica de 2020, as universidades<sup>2</sup> têm-se mostrado desorientadas, confusas, incapazes de marcarem um caminho. Não são as únicas instituições à deriva. Os governos nacionais e as organizações internacionais também não têm estado à altura das suas responsabilidades. Mas das universidades esperava-se uma outra capacidade de reacção, uma resposta mais forte e consistente.

É certo que os sinais de desorientação não são recentes. Há vários anos que as universidades andam enredadas em teias e contradições que as enfraquecem. Basta recordar os problemas crónicos de subfinanciamento e as tentativas de os superar através da importação acrítica de modelos de gestão empresarial; ou a imensa burocracia que ataca a vida académica, atingindo o coração da nossa autonomia e liberdade; ou a adopção de *rankings* e medidas que provocam a uniformização universitária e um produtivismo académico absurdo e fatal.

Porém, nem tudo são espinhos, uma vez que, nas últimas décadas, houve uma expansão sem precedentes, permitindo o acesso ao ensino superior a estudantes oriundos de grupos historicamente excluídos da universidade. Também a ciência tem vindo a ganhar uma nova centralidade, levando a uma compreensão mais nítida da responsabilidade da universidade perante o conhecimento e a sociedade.

A crise pandémica funcionou como um *revelador*, no sentido fotográfico do termo. A imagem ficou nítida, e obriga-nos a enfrentar os problemas do ensino superior com coragem e ousadia. A mudança já era necessária. Agora, é urgente, e inevitável.

## A diferença da universidade

Num futuro próximo, as universidades podem tornar-se dispensáveis, substituídas por “cursos online”, por plataformas de inteligência artificial e por “centros empresariais” de

---

<sup>1</sup> António Nóvoa é Professor do Instituto de Educação e foi Reitor da Universidade de Lisboa, entre 2006 e 2013. Doutor em Ciências da Educação (Genebra, 1986) e Doutor em História (Paris, 2006), é Doutor Honoris Causa por várias universidades brasileiras e portuguesas. Actualmente, é membro da Comissão Internacional sobre “Os futuros da educação” e Embaixador de Portugal junto da UNESCO.

<sup>2</sup> Quando falo de “universidades”, quero referir-me sempre ao conjunto das instituições de ensino superior. Defendo uma grande diversidade de instituições dentro do sistema universitário, mas não concordo com a existência de subsistemas de ensino superior distintos, separados e isolados.

desenvolvimento científico e tecnológico; ou podem renovar-se como instituições centrais para as sociedades contemporâneas. A decisão está nas nossas mãos.

Correndo o risco de uma excessiva simplificação, defendo que a chave para a reconstrução das universidades se encontra na palavra *diferença*, num triplo sentido: (i) diferença entre a universidade e as outras instituições; (ii) diferença entre universidades; (iii) diferença no interior de cada universidade.

(i) A essência de uma universidade está na diferença em relação às outras instituições. A universidade é um lugar único, marcado pela relação intergeracional e pelo diálogo entre todas as formas de conhecimento. A sua força reside na diferença, e não no mimetismo em relação a outras instituições do mundo económico e social. Quando procura copiar as lógicas de funcionamento e de gestão das outras instituições, perde todo o interesse. Quando se deixa tentar pelo “utilitarismo”, perde toda a utilidade.

(ii) Uma das tendências mais insensatas das últimas décadas é a busca de uma medida universal para avaliar as universidades. Tentar medir pela mesma bitola as universidades de Lisboa e de São Paulo, de Luanda e de Maputo, é um disparate, e alargar este exercício às 30.000 instituições do ensino superior no mundo é um disparate ainda maior. As universidades são diferentes e não podem ser avaliadas todas do mesmo modo.

(iii) Finalmente, é preciso compreender que os professores universitários são diferentes uns dos outros: alguns preferem leccionar nas licenciaturas, outros nos mestrados e doutoramentos; alguns realizam-se mais no ensino, outros na pesquisa; alguns interessam-se mais pela gestão do que outros... Ao aplicarmos os mesmos critérios para editais, concursos e avaliações, empurramos os professores para perfis uniformes que empobrecem a universidade.

***É com base nesta tripla diferença que devemos repensar as universidades e as suas três missões – ensino, pesquisa e relação com a sociedade.***

### **Uma pedagogia do encontro**

Uma universidade define-se, acima de tudo, pelo compromisso dos professores com o futuro dos seus estudantes. É esta a sua missão primeira. Para a cumprir, é preciso criar as melhores condições para este *encontro*.

Na universidade, há uma tradição importante de valorização do encontro entre mestres e discípulos, como se percebe pela leitura de autobiografias e memórias de antigos estudantes. Estamos perante um património essencial, constituído pelo exemplo de muitos professores com grande sensibilidade pedagógica e um sentido apurado do compromisso com os seus alunos. Porém, é preciso reconhecer que estes mestres, notáveis no seu magistério, nunca inscreveram a questão pedagógica como tema de reflexão da sua própria vida universitária.

Por outro lado, nenhum de nós ignora que as tendências das últimas décadas, com a vontade crescente de imitar as chamadas “universidades de classe mundial” ou “universidades de investigação”<sup>3</sup> e para valorizar o “produtivismo académico” têm relegado o ensino para segundo plano.

Nada será conseguido sem a dedicação dos professores, sem dar centralidade à missão docente na organização do trabalho universitário e da carreira académica, sem a compreensão de que podemos aprender a ensinar.

O mais importante é a criação de novos ambientes educativos, muito diferentes daqueles que, ainda hoje, predominam nas universidades. O “ambiente” não se define apenas numa dimensão espacial, mas também em dimensões temporais e relacionais. No ambiente dos anfiteatros é fácil “dar uma aula”, mas é difícil, ou mesmo impossível, estudar em grupo ou realizar actividades de pesquisa.

A criação destes ambientes é o caminho necessário para valorizar o estudo, a conversa informada, a partilha, a experiência de pesquisa, a descoberta, a co-construção do conhecimento, numa palavra, para valorizar a pedagogia do encontro e do trabalho conjunto.

Hoje, o digital pode ser um instrumento importante para a construção de um novo ambiente educativo, com ligações dentro e fora dos espaços universitários. O digital tem, hoje, muitas formas e possibilidades, também para o diálogo, a interacção e a proximidade entre professores e estudantes. Mas imaginar que podemos ser e fazer universidade unicamente através do digital é uma ilusão perigosíssima. Pode haver, aliás, a tentação de reservar o *campus* universitário para as actividades mais prestigiantes (pós-graduações, trabalho laboratorial, investigação) e remeter o ensino para modalidades “remotas” ou “virtuais”. Seria um erro trágico para o futuro das universidades.

### **Uma ciência aberta e convergente**

A ciência ganhou uma nova centralidade nas universidades, o que é fundamental, tanto para impregnar o ensino com um espírito científico como para promover o conhecimento na sociedade. Hoje, as universidades devem participar activamente na agenda da Ciência Aberta (*Open Science*), sobre a qual gostaria de deixar três apontamentos, e mais um.

Primeiro, o acesso livre ao conhecimento, sobretudo quando é produzido com dinheiro público. As práticas actuais de publicação científica não são aceitáveis e, menos ainda, que sejam elas a dominar as carreiras universitárias.

---

<sup>3</sup> Em inglês: “world-class universities” e “research universities”.

Segundo, a promoção de uma cultura científica, no conjunto da sociedade. É um tema central dos nossos dias, quando assistimos à expansão de formas distintas de rejeição da razão e de negacionismo da ciência.

Terceiro, a capacidade de construir políticas públicas informadas pelos resultados científicos, situação que se tornou ainda mais relevante no contexto actual da crise pandémica.

Três apontamentos, e mais um: a necessidade de debatermos, sobretudo a partir das lições da pandemia, a dependência dos grandes gigantes do digital, do ponto de vista do *software*, das tecnologias e das plataformas de comunicação. Será que as universidades não deveriam juntar-se para criar *software* público e aberto, para construir modalidades independentes de comunicação e de trabalho?

Ciência aberta e convergência, isto é, a organização da ciência em grandes temas que juntam distintas abordagens disciplinares. Ninguém pode negar a importância da especialização, mas a força única das universidades está na convergência entre diferentes disciplinas e formas de conhecimento.

No campo do ensino, podemos falar de Paul Ricoeur, de Edgar Morin, de George Steiner, de Michel Serres, mas também de Maxine Greene, de Martha Nussbaum, de Judith Butler ou de Nancy Cartwright. O que têm em comum estes autores? Para além de muitas diferenças, juntam-se na crítica a uma formação universitária excessivamente especializada, compartimentada.

A necessidade de construir uma educação superior capaz de formar numa pluralidade de saberes, e de os reconstruir a partir de um ponto de vista não-disciplinar, não está só nos filósofos, mas igualmente nos cientistas. Refira-se, a título de exemplo, o importante relatório publicado pelo MIT, em 2011, com um título sugestivo: *The Third Revolution: The Convergence of the Life Sciences, Physical Sciences, and Engineering*.

Esta deve ser a base em que assenta o trabalho universitário. Nesse sentido, vale a pena chamar a atenção para o novo programa de investigação e inovação da União Europeia, *Horizonte Europa* (2021-2027), que se organiza, em grande parte, com base nos Objectivos do Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030), promovendo uma ciência da convergência.

### **Uma universidade ligada à cidade**

Pensar a universidade, hoje, é pensar a sua inserção no tecido cultural, económico e social. Nada conseguiremos, se não olharmos para fora de nós. É muito mais do que a tradicional “extensão” universitária. Também não se trata, apenas, da transferência de conhecimento e da inovação, áreas, aliás, da maior importância para o nosso futuro.

A educação superior não se faz apenas dentro dos recintos universitários, mas também nos espaços profissionais e sociais. Há quase 50 anos, em 1972, a UNESCO publicou um importante relatório sobre o futuro da educação, coordenado por Edgar Faure (1972), com o título *Aprender a Ser*. Trata-se de uma reflexão prospectiva que liga as ideias de educação permanente e de “cidade educativa”. O conceito de educação permanente, no sentido de *lifelong learning* (“educação e formação ao longo da vida”) tornou-se muito popular, passando a influenciar as políticas educativas e as estratégias das instituições de ensino superior. Já o princípio de cidade educativa, no sentido de uma “educação que se faz em todos os espaços da vida humana”, ficou largamente por realizar.

Hoje, um dos grandes desafios da universidade é compreender a importância da *cidade* do ponto de vista da formação, aproveitando todas as oportunidades que nela existem para a educação dos seus estudantes. Como é evidente, as possibilidades do digital, permitindo pôr em contacto pessoas a partir de localizações muito distintas, e distantes, torna ainda mais pertinente este debate.

Trata-se de uma ligação umbilical entre a universidade e a cidade, a compreensão de uma *capilaridade* que transforma a cidade em espaço de formação e de conhecimento ao mesmo tempo que concebe a universidade como uma plataforma de intervenção na cidade (mobilidade, sustentabilidade, habitação, solidariedade, empregos do futuro, energia, consumo, diversidade cultural, luta contra as desigualdades, etc.). A universidade é a cidade. O seu campus é a *polis*.

### **A pandemia como acelerador**

Propositadamente, evitei centrar este texto na pandemia e nas suas consequências. Muito tem sido dito, e escrito, como se os problemas fossem novos. Não são. A Covid-19 expôs estes problemas com nitidez e acelerou a necessidade de os resolver.

A situação actual é extremamente perigosa para o futuro das universidades.

Por um lado, o digital pode transformar-se num novo Deus e as tentações são grandes, com o argumento da saúde pública, mas os olhos postos na redução dos custos, de tudo passar para meios remotos ou “à distância”, pelo menos no que diz respeito ao ensino. Há vários anos que empresas e fundações ligadas aos grandes gigantes do digital se preparam para esta transição.

Por outro lado, esta tendência pode conduzir as grandes universidades mundiais a decidirem avançar para *campi virtuais*, em todo o mundo, permitindo a muitos estudantes obterem diplomas de Harvard ou do MIT sem nunca saírem dos seus países. Esta possibilidade, há muito discutida, pode ser precipitada pela crise pandémica e pela diminuição dos “estudantes internacionais” que são vitais para a sustentabilidade destas universidades.

Estamos num tempo de viragem, com grandes riscos para o futuro das universidades. No momento histórico que vivemos, exacerbado pela crise, as duas grandes tendências que atravessaram as universidades nas últimas décadas – o aumento exponencial do número de estudantes e o crescimento de uma “indústria global” do ensino superior – podem conduzir a soluções desastrosas para o futuro das universidades.

A universidade inteiramente digital, se vier a existir, será tudo menos universidade. Isto dito, a questão não é o digital, mas a forma como se enquadra, ou não, numa determinada concepção de universidade.

A metáfora do *ambiente* permite pensar as transformações dentro e fora das universidades. Permite também chamar a atenção para a necessidade de “ambientes” que sejam favoráveis e estimulantes para os diversos percursos dos estudantes, mas também para a realização pessoal e académica dos professores. Hoje, um dos problemas graves das universidades é a falta de renovação geracional e, mesmo, um certo desinteresse dos mais jovens pelas carreiras universitárias, que muitos consideram pouco estimulantes e motivadoras.

Escrevo este texto em Agosto de 2020 e sei que nada voltará ao “normal”. E, para além das questões de saúde pública, é desejável que não regressemos a uma “normalidade” medíocre. A pandemia acelerou a história. A mudança das universidades era necessária. Agora, é urgente. Ela pode trazer o fim das universidades, tal como as conhecemos nos últimos dois séculos. Seria trágico. Ou pode trazer um tempo de reconstrução e de redefinição das universidades como aquele lugar único, *diferente* de todos os outros.

### **O nome da mudança: Liberdade!**

O coronavírus trouxe medo e uma epidemia de cegueira, que faz lembrar o célebre ensaio de José Saramago. Bernard-Henri Lévy, pelo seu lado, fala de *Ce virus qui rend fou*, para criticar a falta de lucidez e os oportunismos de muitas reacções à pandemia. É também por isso que precisamos de uma universidade capaz de promover o pensamento crítico, a curiosidade, a iniciativa, a participação, para que, assim, possa trazer à luz do dia problemas e avançar soluções.

Não é possível ignorar tudo aquilo que o vírus revelou. A mudança das universidades é inevitável. Será feita com base em interesses privados, há muito activos, e que tentam aproveitar a crise como forma de legitimação? Ou será construída através de um reforço das dimensões públicas, recuperando o sentido da *universitas* para além dos fechamentos e mediocridades que nos paralisam? Será feita numa lógica de bem privado, reforçando o “mercado” do ensino superior no mundo? Ou será construída através do reforço da educação superior como bem comum? Não sei qual será o futuro das universidades, mas sei o futuro da minha preferência. Ficou escrito neste texto.

Em 1968, Paul Ricoeur falou na necessidade de “mudar a vida”. Agora, em 2020, Edgar Morin fala na urgência de “mudar de via”. Sim, as universidades têm de mudar a sua vida, fazer uma reflexão profunda sobre as últimas décadas e a forma como as agendas da excelência, da internacionalização e da modernização transformaram o mundo do ensino superior, e nem sempre para melhor. E têm de mudar de via, no sentido proposto por Edgar Morin no seu texto mais recente, *Changeons de voie* (2020), no qual defende uma regeneração da política, a protecção do planeta e a humanização da sociedade. Se contribuírem para esta “via”, para esta “vida”, as universidades terão cumprido a sua missão.

Há ideias tão fortes que ficam dentro de nós e precisamos de as visitar regularmente. É assim com a oração de sapiência de Bernardino Machado, no ano de 1904, na Universidade de Coimbra: “Uma Universidade deve ser escola de tudo, mas sobretudo de liberdade”. Para haver universidade, temos de cultivar a liberdade *dentro*, o que só é possível se criarmos as condições para diferentes projectos pessoais e institucionais. Para que a universidade tenha sentido, temos de promover a liberdade *fora*, contribuindo para a construção de sociedades onde todos tenham lugar e cada um possa fazer o seu próprio caminho.

Numa universidade, nada substitui a liberdade, e esta só existe se reconhecermos e valorizarmos a *diferença*. A pandemia revelou e acelerou a necessidade de mudança”. A tragédia seria que tudo continuasse na mesma. A hora é agora. Amanhã, já será tarde:

“C’est l’heure: *Hora!* Tout à l’heure, il sera trop tard, car cette heure-là ne dure qu’un instant. Le vent se lève, c’est maintenant ou jamais. Ne perdez pas votre chance unique dans toute l’éternité, ne manquez pas votre unique matinée de printemps”<sup>4</sup>  
(Jankélévitch, 1980, p. 147).

## Referências

- Faure, Edgar (1972). *Aprender a ser*. Lisboa: Livraria Bertrand.  
Jankélévitch, Vladimir (1980). *Le Je-ne-sais-quoi et le Presque rien*. Paris : Seuil.  
Lévy, Bernard-Henri (2020). *Ce virus qui rend fou*. Paris: Grasset.  
MIT (2011). *The Third Revolution: The Convergence of the Life Sciences, Physical Sciences, and Engineering*. Massachusetts: MIT.  
Morin, Edgar (2020). *Changeons de voie: les leçons du coronavirus*. Paris : Denoël.  
Ricoeur, Paul (1968). “Réforme et révolution dans l’université”, *Esprit*, n.º 6-7, pp. 987-1002.

António Nóvoa  
Paris, 23 de Agosto de 2020

---

<sup>4</sup> “Está na hora: Hora! Daqui a pouco será tarde demais, pois esta hora dura apenas um momento. O vento levanta-se, é agora ou nunca. Não desperdicem a vossa única oportunidade em toda a eternidade, não percam a vossa única manhã de Primavera”.